

O AZULEJO SAIU DA PAREDE

por

Marluci Menezes¹

Resumo: A partir de uma pesquisa *online* exploratória, discutem-se alguns aspetos contemporâneos da patrimonialização da cultura azulejar. Aponta-se a institucionalização da rede na divulgação do património azulejar, a tendência para um incremento territorial e turístico na divulgação do azulejo integrado na arquitetura, bem como o extravasar do seu uso através do grafismo na arte urbana e na moda, mas também para o aumentar do efeito-denúncia *online* sobre a destruição do património azulejar. A pesquisa realizada permite ainda salientar alguns aspetos que interessam discutir no futuro desenvolvimento da pesquisa: a tendência para a atual assunção de que o património azulejar está também associado à transformação do azulejo em matérias e significados outros que não o revestimento na arquitetura; o atual papel do efeito *online* na divulgação do azulejo como matéria de património cuja manifestação assume variados e diferentes suportes; a divulgação transnacional do património azulejar, todavia, como uma manifestação da cultura nacional portuguesa; o quanto o efeito de transmutação do azulejo em outras matérias (tecido, móveis, sabonetes, ...) pode, ainda que contraditoriamente, contribuir para divulgar e salvaguardar o património azulejar, mas também para uma espécie de efeito da sua desmaterialização; verificando-se que, num e noutro caso, as suas repercussões *online* são de assinalar. Menciona-se o potencial da pesquisa *online* no campo do património e, por fim, debate-se algumas das suas limitações, nomeadamente por não colocar o pesquisador próximo dos territórios sociais de património.

Palavras-chave: cultura azulejar, património, pesquisa *online*.

Abstract: The Azulejo is out of the Wall. Based on an exploratory research, this article discusses some contemporary aspects of the patrimonialization of the *azulejo*. The institutionalization of the internet in the diffusion of the *azulejo* heritage and the tendency for an increase in the dissemination of glazed ceramics integrated in architecture is pointed out, as well as the irruption of its utilization in urban art, in fashion and various consumption goods. It also notes the increase of online condemning of *azulejo* heritage destruction, namely that integrated in architecture. The research carried out so far also allows to emphasize some aspects to be discussed in future developments: the tendency for the current assumption that the tile heritage is also associated with the transformation of *azulejos* into materials and meanings other than wall linings in architecture; the current role of the online effect for the dissemination of the *azulejo* as heritage is a manifestation that assumes various and different supports; its transnational dissemination as a mark of Portuguese national culture; the use of *azulejo* designs on other materials can contribute to diffuse and thus protect the *azulejo* heritage, but can also lead to the dematerialization of the tile heritage itself. In both cases, the online repercussions are to be noted. We point out the potential of online research in the field of heritage and, finally, some of its limitations are discussed, namely for placing the researcher away from the social territories of the heritage itself.

Keywords: culture of azulejo, patrimonialization process, online research.

¹ Doutora em Antropologia, Investigadora do Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), e-mail: marluci@lnec.pt

O AZULEJO MORA AO LADO: À GUIA DE INTRODUÇÃO

O interesse que, numa perspectiva antropológica, passei a nutrir pela cultura azulejar tem como ponto de partida uma feliz casualidade: por circunstâncias de contexto profissional, passei a trabalhar com pessoas cujos objetos privilegiados de pesquisa e reflexão são os azulejos. Com formações e interesses distintos, algumas destas pessoas estão mais ligadas às questões técnico-científicas e sobretudo preocupadas com o problema da degradação e restauro do azulejo; já outras surgem mais relacionadas com a história da arte e ao estudo artístico do azulejo. Em comum, estas pessoas pensam, estudam e perspetivam o azulejo, nomeadamente em Portugal, como um artefacto abarcado pela noção de património, estando especialmente interessadas nos processos de conservação e patrimonialização do azulejo².

Assim, pouco a pouco, passaram a fazer parte do meu quotidiano de trabalho impressões, experiências e ideias que se referem ao azulejo e à sua especificidade como património português, para além dos aspetos relacionados com as suas características físico-químicas, artísticas, históricas, de restauro, conservação ou patrimonialização. A partir deste quotidiano de trocas informais, dei-me conta que, embora o azulejo sempre tenha estado perto, o quão longe dele eu estava. Melhor dizendo: descobri o quanto a habitual presença do azulejo havia sido banalizada na minha própria experiência de vida. Comecei, então, a ‘olhar’ o azulejo de outra forma, fazendo eco a um lema antropológico de *tornar o exótico em familiar e o familiar em exótico*. Pelo que, dentro do campo disciplinar em que me situo – antropologia – comecei por investigar o que, em termos contemporâneos, se havia produzido sobre a cultura do azulejo. Pouco encontrei sobre estudos antropológicos e sociológicos contemporâneos que de algum modo abordassem a cultura do azulejar. Descobri, todavia, referências clássicas fundamentais para o entendimento da cultura do azulejo em Portugal (por exemplo: Joaquim de Vasconcelos, 1883, 1891, 1909, 1983; Vergílio Correia, 1922; Rocha Peixoto, 1967, 1967a). Estas referências realçam uma perspetiva etnográfica na compreensão da cultura azulejar em Portugal. Mas, dei-me ainda conta do papel destes trabalhos e, claro, dos seus autores, no culminar de uma linha antropológica de pesquisa que se dedicou às expressões da cultura nacional e da arte popular (Leal, 2002). E, na produção antropológica atual, fiquei a conhecer o trabalho de José Luis Mingote Calderón (2013, 2014a, 2014b, 2016) sobre as representações iconográficas da sociedade em painéis de azulejo da primeira metade do século XX, conforme dispostos nas estações de comboio, mercados, praças, fontes, comércios e casas particulares.

² Agradece-se o cuidado de leitura de João Manuel Mimoso.

Mas, pouco ou quase nada sabendo sobre o tema, o que me intrigou enquanto curiosidade antropológica, não foi tanto o que estava representado no azulejo enquanto iconografia e estampa, embora estas características sejam cruciais na atribuição de valor ao azulejo. Na verdade, em termos de um sentido nosso contemporâneo, as questões que me colocava diziam sobretudo respeito ao seguinte: se o azulejo é considerado uma referência atual da cultura portuguesa, o que dizer das suas tantas manifestações estarem degradadas, vandalizadas e em situação de descuido? Sendo o azulejo uma expressão da cultura material que abarca vários contextos geográfico-culturais, o que o distingue para que, em Portugal, o mesmo seja tido como uma referência de valor cultural único? Ou, num sentido contrário, sendo o azulejo em Portugal uma referência cultural singular, o que o torna num valor cultural universal, ao ponto de, por exemplo, poder ser abarcado pela categoria de património mundial?

Parecendo, à partida, simples questões, as mesmas todavia indiciavam a possibilidade de explorar lógicas socioculturais de garantida complexidade. Por onde começar a colocar a ‘mão na massa’? Por facilidade de acesso a informação, por economia de trabalho e meios, por uma curiosidade em crescendo, a resposta veio de seguida: realizar uma abordagem ao tema na rede – refiro-me a uma pesquisa *online*. No entanto, em paralelo, tornei-me mais sensível e atenta as diversificadas expressões da cultura azulejar conforme se iam manifestando *in loco*. Não menos importante será também referir o quão fundamental foi ler José Reynaldo dos Santos, nomeadamente quando refere que a especificidade e a originalidade do azulejo, sobretudo, advêm do sentido ornamental desta arte decorativa que, em Portugal, a “inspira e renova”, não necessariamente derivando a sua inovação e singularidade de uma característica técnica (Santos, 1957: 7-8).

Mas, as minhas inquietudes de partida também iriam ficando mais complexas: qual é o significado do património azulejar para as pessoas? O que se diz quando se fala numa cultura contemporânea do azulejo? Que significados socioculturais explicam as formas através das quais o azulejo é (ou não) socialmente valorizado? Quem valoriza o património azulejar e por que motivo? O que a apreciável demonstração histórico-secular de uso do azulejo, e as manifestações de descuido, vandalização e substituição do revestimento azulejar por outro material, explicam sobre a relação entre a sociedade e o património? Enfim, na atualidade, qual o lugar ocupado pelo azulejo na significação social do património?

É sobre este processo iniciático de indagação, em particular focando a pesquisa *online* que tenho realizado sobre azulejos, que este texto se debruça. Neste sentido, o texto visa apontar algumas das potencialidades e limites de investigação que este tipo de pesquisa detém no entendimento das questões do património. Observa-se ainda que esta pesquisa contribuiu para pré-sinalizar determinados

fenómenos sociais contemporâneos associados à cultura azulejar, bem como a sua perspectiva patrimonialização, entretanto aspetos muito brevemente abordados, já que se prevê aprofundar os mesmos no âmbito de uma pesquisa a desdobrar num tempo mais longo.

NOTA METODOLÓGICA: PESQUISA ‘NA’ E ‘EM’ REDE

Conduzir uma pesquisa de cunho antropológico como a que pretendo, confrontou-me no imediato com as inúmeras potencialidades que as tecnologias de informação e comunicação (TCI) proporcionam. Uma delas foi, com certeza, a facilitação do acesso a informação que, potencialmente falando, poderia ser transformada em dados etnográficos. Na pesquisa sobre azulejo, conforme foi (e tem sido) efetuada ‘na’ e ‘em’ rede, deparei-me com referências a trabalhos científicos e académicos sobre o tema do azulejo, mas que não são aqui objeto de discussão. Isto é, aqui detenho-me nos artigos de notícias e de opinião, *blogs*, *sites* e referências afins, que dão conta de manifestações e olhares mais contemporâneos do fenómeno azulejar, sem necessariamente corresponderem a documentos de cunho científico-académico. A maior parte da informação recolhida respeita a páginas *online* portuguesas, embora alguma desta informação esteja também relacionada com páginas brasileiras. Até o momento, identificaram-se em torno de 200 artigos de notícias, *blogs*, *sites* e referências afins. Algumas das referências encontradas são aqui pontualmente indicadas. O objetivo é exemplificar, em linhas gerais, o fenómeno cultural associado ao azulejo, conforme a sua apreensão numa pesquisa na rede³.

O início da pesquisa *online* aqui discutida, teve por base a simples indicação da palavra ‘azulejo’. Neste sentido, pesquisei as páginas que me eram indicadas até atingir um ponto de saturação na informação. Em outras palavras, o tipo de informação recolhida não acrescentava muito mais ao que já havia consultado. Mas, conforme este percurso entrava em fase de exaustão, logo dei-me conta que ao associar a expressão ‘azulejo’ com outras, fazendo combinações, novas páginas, documentos, dados e informações, surgiam. Na figura 1 representa-se as principais associações entre ‘azulejo’ e outras expressões, conforme efetuadas nesta pesquisa *online*, não esgotando as combinações realizadas e ainda em curso.

³ Um dos principais aspetos a salientar acerca da pesquisa efetuada é o sentido de interatividade contínua e o confirmar que, na rede, uma coisa leva a outra – ficando ‘em rede’. O que, de certo modo, permite recuperar ideias mais tradicionais da pesquisa qualitativa, como por exemplo, recolher informação numa lógica em crescendo e em interligação (‘bola de neve’) até chegar a uma dada ‘saturação’ da informação em função do objeto de estudo que se pretende analisar.

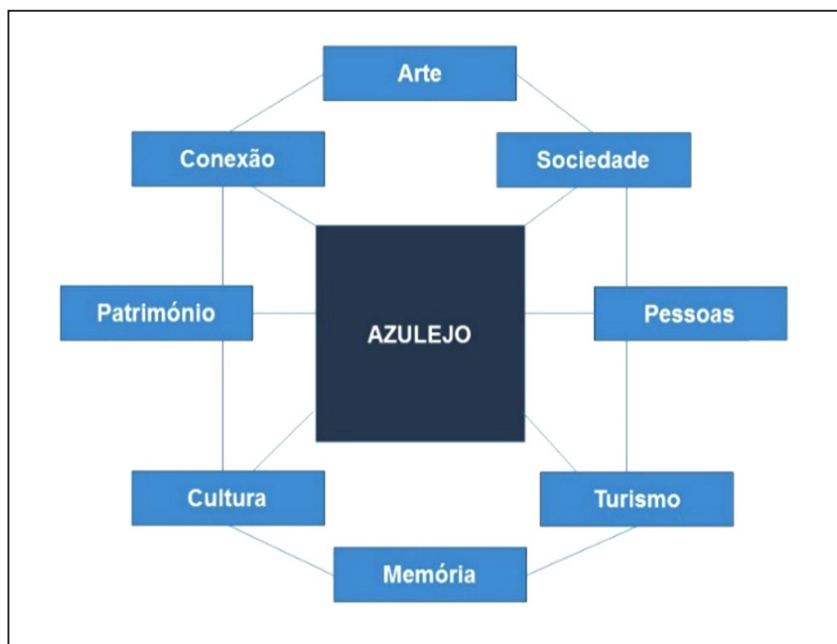


Fig. 01. Início da pesquisa *online*: associação entre ‘azulejo’ e outras expressões

As páginas e as informações ali encontradas não são necessariamente exclusivas a uma dada pesquisa. Isto é, um dado artigo de notícias pode, por exemplo, aparecer numa associação entre ‘azulejo’ ↔ ‘arte’, mas também com a associação entre ‘azulejo’ ↔ ‘turismo’ e assim por diante. No entanto, não se pretende aqui explorar os pormenores que resultam destas combinações. Visa-se antes apresentar alguns dos aspetos que, por agora, se julgou mais interessantes para, sobretudo, apresentar o envolvimento da ‘rede’ no processo de patrimonialização do azulejo.

O AZULEJO CAIU NA REDE

Como observado por Manuel Castells (2003), ao considerar-se a sociedade contemporânea numa perspetiva de rede, com a disseminação das TCI, a rede torna-se uma dimensão tangível do social. Aqui, verifica-se que a possibilidade de flexibilidade e adaptabilidade da rede, assim contribuindo para uma maior descentralização das decisões, viabiliza uma comunicação de âmbito global e

horizontal (Castells, 2003; Máximo, 2010). O que, por outro lado, permite pensar o ciberespaço como:

“(...) um universo que engendra tanto experiências globalizantes ou (...) universalizantes – fundadas em paradigmas, temas e prioridades mais ou menos homogeneizadores – quanto experiências particularizadas – restritas a determinados grupos e indivíduos e produzidas local e simbolicamente no espaço tempo-global” (Máximo, 2010: 41-42).

Assim, com a disseminação do património azulejar no espaço cibernético, a rede pode ser considerada como uma dimensão tangível do processo social de patrimonialização do azulejo. Uma perspetiva ainda mais reforçada pela ideia de que, como observado por João Teixeira Lopes (2016), a utilização bipolar de categorias analíticas como o mundo real e o mundo virtual é, numa era digital, inoperante na compreensão da sociedade. De modo que, em era cibernética, é mais proeminente adotar categorias analíticas que se situam entre um real-real e um real-virtual na compreensão da sociedade. Pois, melhor contribui para a compreensão do sentido multifacetado e cruzado com que se verificam as dinâmicas sociais (Teixeira Lopes, 2016). O que, por outro lado, fortalece a ideia de que o sentido cibernético da cultura azulejar – e num outro sentido, o da própria pesquisa *online* – é uma componente fundamental da compreensão dos processos sociais de patrimonialização do azulejo. E mais: a rede contribui para que um património de cunho particular ganhe uma dimensão global e universalizante. Portanto, o sentido universalizante que o azulejo adquire através da rede, é peculiarmente revigorado quando, também na rede, encontram-se notícias que se referem ao azulejo português numa perspetiva de património mundial. Como exemplo, veja-se a seguinte notícia:



P
Público

Azulejo português vai candidatar-se a Património da Humanidade

LUSA 14/05/2015 - 19:50

Vai preparar-se a candidatura do azulejo português a Património da Humanidade da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO).

Especial expressividade do sentido universalizante da rede na divulgação do património azulejar, pode ser exemplificado por um comentário presente no *site* do ARTIS⁴. O referido comentário faz referência ao azulejo como valor único, todavia, chamando a atenção para o facto de que, com a entrada do mesmo na “era digital”, é possível tornar este património mundialmente acessível. Veja-se:

“A inclusão do azulejo na era digital permite também divulgar um património único, tornando-o acessível à comunidade científica mundial, através da plataforma informática disponível online, que foi um dos eixos estruturantes do desenvolvimento do grupo e que constitui o seu verdadeiro projeto âncora: Az Infinitum – Sistema de Referência e Indexação de Azulejo.” (in <http://www.artis.letras.ulisboa.pt/pagina.7.121.aspx>)

Assim, no *site* da Az - Rede de Investigação em Azulejo⁵, ligada ao ARTIS, é divulgado *online* e, em acesso livre, o Guia de Inventário de Azulejo *in situ*, a plataforma Az Infinitum e que trata de um Sistema de Referência e Indexação de Azulejo, bem como uma cronologia dinâmica e interativa sobre os azulejos portugueses. O investimento desta Rede de Investigação em projetos científicos orientados para a catalogação de azulejos e de informação especializada associada ao tema, assim perspetivando “estimular a valorização do património azulejar que permanece *in situ*” (in: http://redeazulejo.fl.ul.pt/p_cient.0.541.aspx), é claramente potenciado através da divulgação e disponibilização *online* da informação produzida. Não menos importante será ainda dizer que esta Rede de Investigação possui páginas no Facebook, no Pinterest e no Instagram.

A plataforma Az Infinitum participa ainda de um outro projeto que potencia os recursos digitais, sendo o mesmo também divulgado na rede. O projeto intitula-se “Mapping Our Tiles”⁶, tendo por objetivo realizar a:

“(...) georreferenciação de azulejos de casas portuguesas, que liga diversos padrões de azulejos às localizações físicas onde (atualmente) existem. O projeto ambiciona caracterizar a distribuição de padrões de azulejos em Portugal, reforçando a sua beleza, tradição e relevância cultural, para que todos possam apreciá-los e contribuir para a sua proteção e preservação para gerações futuras.” (in <http://mappingourtiles.com/>).

O *site* institucional do Museu Nacional do Azulejo (MNAz), onde se pode consultar uma variedade de informações sobre as atividades do museu, disponibiliza ainda determinados “Recursos *Online*”. Nele é livremente acessível a consulta

⁴ ARTIS – Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL).

⁵ Ver: <http://redeazulejo.fl.ul.pt/>. Neste *site* tem-se acesso direto às outras páginas indicadas.

⁶ Este projeto também tem uma página no Facebook: https://www.facebook.com/Mapping-Our-Tiles-139258993099634/?hc_location=ufi.

e baixar informação sobre a história do azulejo, sendo também disponibilizados cadernos de atividades que sensibilizam para o património azulejar, estando os mesmos adaptados às crianças e jovens. E, seguindo uma também tendência atual, as atividades do MNAz podem ser seguidas no Facebook e no Twitter⁷.

O sentido universalizante que adquire o património azulejar conforme divulgado na rede – isto é, no mundo do real-virtual –, ainda que complementado por ações que se realizam no mundo do real-real, é fortalecido pela existência de um *Indoor Maps* (do Google) relacionado com o Museu Nacional do Azulejo e divulgado na sua página *online*⁸. Estes recursos *online* contribuem, ao seu modo, para incrementar a relação entre azulejo, rede, património e turismo⁹. Todavia, não menos interessante é verificar o reforço desta relação em artigo de opinião, encontrado na rede, de autoria do então Presidente da Comissão Nacional do Centenário do Turismo em Portugal intitulado “A cultura, o turismo e o património azulejar”. Neste sentido, veja-se um extrato do dito artigo:

“O azulejo é um património de interesse cultural e turístico do nosso país e, pela sua singularidade, excepcionalidade e pelo reconhecimento por parte dos fluxos turísticos que nos visitam, um bem verdadeiramente de valor universal.” (Jorge Mangorrinha, Diário de Notícias de 06.12.2011).

A indicação de uma biblioteca digital de acesso livre sobre azulejaria e cerâmica, disponibilizada num *site*¹⁰ da Fundação Calouste Gulbenkian, constitui-se como mais um exemplo da institucionalização da rede na divulgação do património azulejar:

“A azulejaria, enquanto expressão maior de uma certa tradição e sensibilidade artísticas portuguesas, deixou e continuará a deixar múltiplos traços na sociedade portuguesa ao longo do tempo. De entre essa multiplicidade possível de traços, a Biblioteca DigiTile apresenta as coleções especiais sobre esta temática que fazem parte dos fundos da Biblioteca de Arte da Fundação Calouste Gulbenkian, bem como estudos contemporâneos sobre essas coleções e, em geral, sobre as temáticas da Azulejaria e da Cerâmica Portuguesas.” (in <http://digitile.gulbenkian.pt/>)

⁷ Site do MNAz - www.museudoazulejo.pt. Os outros sites indicados estão referenciados no site do MNAz.

⁸ Ver indicação do link conforme referida no site do MNAz: www.museudoazulejo.pt.

⁹ Nomeadamente quando se verifica que o MNAz é um dos museus do país mais visitados por turistas, sobretudo estrangeiros. Portanto, no site da Direção Geral do Património Cultural (DGPC) é referido que, em 2015, os museus mais visitados foram o Museu dos Coches, seguindo-se o de Arte Antiga e, em terceiro, o do Azulejo. Ver: <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/news/comunicados/monumentos-palacios-e-museus-da-dgpc-com-mais-meio-milhao-de-visitantes-em-2015/>.

¹⁰ Site: <http://digitile.gulbenkian.pt>.

Um outro caso exemplar a citar é o da iniciativa do Museu da Polícia, relacionada com o Projeto SOS Azulejo. Muito embora esta iniciativa remeta para uma atuação territorializada e, neste sentido, com particular incidência, é de modo globalizante apresentada através de um *site* próprio. Tendo o referido projeto surgido com o objetivo de: “combater a grave delapidação do património azulejar português que se verifica atualmente, de modo crescente e alarmante, por furto, vandalismo e incúria” (in <http://www.sosazulejo.com/>), o mesmo é apresentado como um projeto de “salvaguarda e valorização do património azulejar português”. O *site* deste projeto disponibiliza ainda conselhos e boas práticas, artigos produzidos, notícias e atividades desenvolvidas, regulamentos (etc.), bem como nele se encontra informação visual sobre azulejos furtados.

Foi, todavia, através da rede que me dei conta da expressividade e repercussão de dois fenómenos, interessantes e contemporâneos, associados à cultura azulejar. Um deles é a atual ressonância da cultura azulejar na arte urbana identificada como *street art*. Um segundo, refere-se à reverberação das características mais visíveis do azulejo (exemplo: a forma quadrada, as cores, a estamperia e a iconografia) na estetização de objetos de consumo variado (por exemplo: fatos de banho, roupas, anéis, brincos e colares, sapatos, sabonetes, tecido para almofadas e sofás, papel de embrulho, etc.).

Relativamente ao reflexo da cultura azulejar na *street art*, observei o recurso feito às técnicas gráficas e de gravura para representar o azulejo, ainda que o resultado final nem sempre respeite a matéria cerâmica. Todavia, o que chamou a atenção na pesquisa *online* realizada foram sobretudo dois aspetos. Um deles é a expressividade com que esta arte é divulgada na rede. Isto é, para além de artigos de jornais diários, revistas que abordam o assunto, entretanto também difundidos em *sites* da Internet, muitos dos artistas ligados ao tema, têm páginas próprias, sejam elas *sites*, Facebook, Twitter, Instagram, entre outros recursos análogos. Um segundo aspeto é que, mais do que o recurso à rede na divulgação dos trabalhos, observei que os recursos digitais se constituem como técnicas de referência na produção do azulejo, quer seja em termos do grafismo, quer em termos do próprio material onde uma determinada estampa é, por exemplo, impressa, para posterior afixação nas paredes e muros urbanos. A título de exemplo, cita-se a experiência Pixelejo – entendida como o resultado de uma combinação entre azulejo e pixel arte –, conforme realizada pelo artista Tiago Tejo e que:

“(...) percebeu que o princípio do azulejo era o mesmo do pixel, pois ambos são compostos por quadrados que combinados formam imagens. (...) O artista cria novos azulejos e réplicas, que são impressas em papel para fazer intervenções urbanas com o objetivo de alertar sobre a preservação do património histórico e cultural.” (in <http://chocoladesign.com/pixelejo-azulejos-reinventados>)

Um outro exemplo de arte urbana que faz recurso à cultura azulejar, refere-se as expressões artísticas que denunciam o vandalismo associado aos revestimentos azulejares, normalmente situados em zona histórica. Esta arte, ainda que possa utilizar o azulejo enquanto material cerâmico, recorre em muitos casos a outros materiais e técnicas, por exemplo, impressão digital em material sintético e papel cartão, ou pinturas que, nas lacunas de painéis cerâmicos, reproduzem os azulejos perdidos (por incúria, vandalismo ou roubo). A título de exemplo cita-se o trabalho de Maria d'Almada¹¹.

Representativo destas experiências é o artigo – encontrado ‘na’ e ‘em’ rede – intitulado “O azulejo tradicional reinventado por artistas contemporâneos”, seguindo-se um enquadramento que refere: “em cerâmica, papel stencil ou pixelart. O formato e a técnica utilizada variam, a essência não” (Flores, 04.08.2012, in *Público*). Esta combinação de técnicas e recurso aos instrumentos digitais é, entre outros, representativa no trabalho de Diogo Machado, também conhecido por Add Fuel¹², referido nos seguintes termos:

“O artista plástico de 32 anos reinterpreta a linguagem visual dos padrões de azulejaria (maioritariamente portugueses) e cria uma nova imagem a partir do seu universo gráfico. Monstrinhos, robots ou ilustrações contemporâneas que constroem uma dupla leitura: ao longe não se vê mais do que um padrão tradicional, ao perto descobrem-se elementos ‘não convencionais’” (Flores, 04.08.2012, in *Público*).

As informações que recolhia a partir da pesquisa na rede, mas também do observar a cidade – com destaque para Lisboa –, conduziram-me à necessidade de, para o caso da cultura azulejar, complexificar o entendimento desta arte no meio urbano. Isto é, a arte urbana enquanto *street art*, conforme acima brevemente comentada, a par de ser inovadora, indicia também um carácter mais informal e alternativo. Todavia, é interessante observar que esta arte mais informal assume um estatuto de longevidade quando, a partir da encomenda, passa a também manifestar-se em painéis azulejares cujo material é cerâmico. E mais: esta arte passa a ser também designada como arte pública com alguma frequência, embora também continue a ser chamada de arte urbana. Repare-se que uma das qualidades do uso recorrente do azulejo é a sua durabilidade e longevidade, para além daquelas de cunho estético, funcional, estilístico, entre outras. Assim, como se coloca a relação entre um sentido mais efémero da arte urbana e a adoção de um suporte material

¹¹ Site: <https://www.flickr.com/photos/recuperarte/>.

¹² Os seguintes sites permitem ter-se uma ideia do trabalho de Add Fuel (Diogo Machado) - <http://gerador.eu/autor/add-fuel/> e <http://www.addfueltothefire.com/>.

identificado com a longa duração, tal como é o azulejo enquanto peça cerâmica? Caso exemplar desta questão é o Mural de Azulejos de André Saraiva (artista gráfico e com uma obra associada à *street art*), situado no Jardim Botto Machado, no campo de Santa Clara, em Lisboa. Veja-se ainda o seguinte extrato de artigo intitulado “Mural de azulejos no campo de Santa Clara deverá estar pronto no final de Outubro (Lagartinho, 20.09.2016, in *O Corvo*), entretanto encontrado na rede:

“É um imenso mural de azulejos e vai mudar o aspecto do Campo de Santa Clara, o local onde se realiza, duas vezes por semana, a Feira da Ladra. O trabalho resulta de uma ideia do artista plástico André Saraiva, que pretende reinterpretar Lisboa e os seus monumentos à luz das cores, personagens e do seu estilo de trabalhar. São cerca de 50.000 azulejos, feitos pela Fábrica Viúva Lamego e que forrarão o muro do Jardim Botto Machado.”

Os azulejos deste painel foram produzidos na Fábrica de Cerâmica Viúva Lamego e que, em seu *site*, indica o seguinte acerca da técnica de pintura deste artista:

“A Aleluia Cerâmicas S.A. desenvolveu um trabalho de estreita colaboração com o artista no desenvolvimento de novas técnicas de pintura que permitissem assegurar nos azulejos o efeito de graffiti, linguagem que distingue o seu trabalho.” (<http://www.viuvalamego.com/handmade/grande-mural-de-azulejos-de-andre-saraiva/>)

De modo a diferenciar os fenómenos que tenho vindo a observar, por agora, assumo que as noções de arte pública e arte urbana são distintas. Neste sentido, por arte pública considero aquela que tem por referência algum tipo de encomenda formal, mais normalmente advinda da parte do poder público. Notar aqui que a encomenda tem, na história do azulejo, um papel fundamental na manifestação e prossecução da cultura azulejar¹³. E que, para o caso em discussão, vislumbra não só a continuação da tradicional arte do azulejo, mas a continuidade de uma arte, até então, identificada com um sentido mais efêmero¹⁴. Por outro lado, considero que a arte urbana é refletida também na ideia de arte de rua (*street art*). Isto é, aquela que, à partida, se realiza mais informalmente. Todavia, como observa Zaidler Junior (2011), ambos termos – arte pública e arte urbana (*street art*) se relacio-

¹³ Realizei em junho de 2016 no MNAz um curso sobre “História do Azulejo: O Azulejo em Portugal. Aspectos identitários”, onde este aspeto ficou manifestamente evidenciado. A sessão do referido curso dedicada à encomenda realizou-se a 7 de junho de 2016, tendo sido intitulada “Encomenda e Programas iconográficos em Azulejo” e proferida por Alexandra Gago da Câmara.

¹⁴ Este aspeto foi também observado por Alexandre Pais – Historiador da Arte do MNAz – em informais trocas de impressão sobre as expressões contemporâneas da cultura azulejar.

nam – ainda que mantenham nuances e particularidades. Por outro lado, a arte urbana (enquanto *street art*) poderá também ser concebida como uma das variantes da arte pública, nomeadamente quando hoje em dia sabemos das encomendas do poder público para a constituição de verdadeiras galerias urbanas de arte de rua.

Por fim, através da rede foi possível identificar a expressividade com que a cultura associada ao azulejo tem sido, não somente apropriada, como transfigurada em objetos que, não sendo azulejo, refletem todo um imaginário e mesmo imagens associadas ao azulejo. Como antes observado, estes objetos são de vários tipos – sabonetes, brincos e colares, tecidos (etc.) – mas que, de todo, uma das funções do azulejo não cumpre: o de revestimento da arquitetura. Veja-se, neste sentido, os exemplos que se seguem.

O que fica ainda particularmente evidenciado é o papel da rede na comercialização destes produtos. Mas, fica também evidenciado o como a ideia de azulejo é utilizada no setor da moda do *design*, do *webdesign* e da publicidade. Nesta perspectiva de manifestação da cultura azulejar, muito embora transfigurada, é interessante observar a relação entre uma cultura específica – no caso a do azulejo –, a indústria e a economia cultural (Menezes e Blum, 2016).



Fonte: <http://mutante.pt/2014/06/azulejos-projecto-84/>



Fonte: <http://www.culturaalternativa.com.br/turismo/outros/item/3413-azulejos-praias-e-guarana-jesus-um-dia-no-maranhao>

AZULEJO CIBERNÉTICO, PESQUISA *ONLINE* E PROCESSOS DE PATRIMONIALIZAÇÃO: NOTAS FINAIS

Com base na pesquisa *online* realizada, destacam-se os seguintes aspetos observados: (1) a institucionalização da rede (*Internet*) na divulgação do património azulejar; (2) a divulgação na rede da arte urbana e da arte pública que faz referência ao azulejo; (3) o recurso à rede na divulgação (e mesmo comercialização) de objetos variados que fazem referência às imagens do azulejo. Na sua generalidade e em paralelo, estes três principais aspetos associam-se a outros fenómenos, tais como o incremento territorial, turístico e patrimonial na divulgação do azulejo integrado na arquitetura, a atual revelação do azulejo pela arte urbana e pública, mas também no aumentar do efeito-denúncia *online* da destruição do património azulejar, nomeadamente o integrado na arquitetura.

O título que designa esta reflexão, ‘o azulejo saiu da parede’ tem a eficácia de, em função do que aqui se discutiu, permitir considerar o seguinte: (1) o modelo de pesquisa *online* aqui discutido deparou-se com o fenómeno de um azulejo real-virtual que, entretanto, faz eco num azulejo real-real; (2) a par da cultura do azulejo manter-se e inovar-se, pode-se também falar em processos de metamorfose desta cultura, já que um fenómeno novo e em paralelo parece realizar-se.

A reflexão realizada permitiu identificar o atual papel do efeito *online* na divulgação do azulejo como matéria de património, ainda que a sua manifestação possa assumir variados e diferentes suportes. A tendência para uma divulgação *online* transnacional, global e universalizante do património azulejar, entretanto mantendo-se a sua associação com a cultura portuguesa, foi também identificada. Foi ainda possível, nesta reflexão, reconhecer o papel da arte urbana na continuidade do azulejo, bem como a atual tendência para a assunção do património azulejar estar associada ao transformar do azulejo em (uma ideia de azulejo) matérias e significados outros que não o revestimento na arquitetura. Por fim, a pesquisa *online* efetuada – ‘na’ e ‘em’ rede – detém potencial nos estudos dos processos sociais de patrimonialização, ainda que apresente limitações, nomeadamente por não colocar o pesquisador próximo dos territórios sociais de património.

NOTA: Este trabalho foi desenvolvido no âmbito da Infraestrutura Portuguesa para E-RIHS.pt (European Research Infrastructure for Heritage Science).

BIBLIOGRAFIA

- Castells, Manuel (2003). *A Galáxia Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. J. Zahar Editor: Rio de Janeiro.
- Correia, Vergílio (1922 [1888-1944]). *Azulejos Datados* (1.^a série). Imprensa Libanio da Silva: Lisboa.
- Leal, J. (2002). “Metamorfoses da Arte Popular: Joaquim de Vasconcelos, Vergílio Correia e Ernesto de Souza”. *Etnográfica*, Vol. VI (2);: 251-280.
- Lopes, João Teixeira (2016). “Participação sociocultural e mundos digitais: novas oportunidades, novos constrangimentos”. In Martinho, T. D.; Teixeira Lopes, J.; Garcia, J. L (coord.), *Cultura e Digital em Portugal*. Edições Afrontamento: Porto.
- Máximo, Maria Elisa (2010). “Da metrópole às redes sociotécnicas: a caminho de uma antropologia no ciberespaço”. In Rifiotis, T.; Máximo, M. E.; Lacerda, J. S.; Segata, J. (coord.), *Antropologia no Ciberespaço*. Editora UFSC: Florianópolis,
- Menezes, M.; Blum, E. M. (2016). “Para além do azulejo: matérias outras da invenção contemporânea da cultura azulejar”. *Livro de Resumos do Congresso Património, suas matérias e imatérias – PATRIMA_2016*. LNEC: Lisboa, pp. 26-27.
- Mingote Calderón, J. L. (2013). “La representación patrimonializada de un país. Portugal en los paneles de azulejos de la primera mitad del siglo xx”. *Anales de Museo Nacional de Antropología*, XV: 152-187 (disponível em: <http://pt.calameo.com/read/000075335fcf96afd81db>).
- Mingote Calderón, J. L. (2014). “Cestos, gestos y género, en los azulejos portugueses de la primera mitad del siglo XX”. *Revista de Dialectología y Tradiciones Populares* vol. LXIX, n.º 2, julio-diciembre, pp. 435-466.
- Mingote Calderón, J. L. (2014). “Imágenes del «pueblo» en los paneles de azulejos portugueses de la primera mitad del siglo XX”. *Anales de Museo Nacional de Antropología*, XVI. 172-212 (disponível em: <http://es.calameo.com/read/00007533503cb0d4f303e>).
- Mingote Calderón, J. L. (2016). *Da Fotografia ao Azulejo*. Imprensa Nacional-Casa da Moeda: Lisboa.
- Peixoto, A. A. Rocha (1901). “Uma Iconographia Popular em Azulejos”. *Portugália*, nº 1: 3, pp. 585-590.
- Peixoto, A. A. Rocha (1967 [1900]). “Indústrias Populares: As Olarias de Prado”. *Obras*, Vol. I, *Estudos de Etnografia e Arqueologia*, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim: 89-132.

Peixoto, A. A. Rocha (1967a [1901]). *Uma Iconografia Popular em Azulejos*. Obras: Vol. I, Estudos de Etnografia e Arqueologia, Póvoa de Varzim, Câmara Municipal da Póvoa de Varzim, 133-140.

Santos, Reynaldo dos (1957). *O Azulejo em Portugal*. Editorial Sul Limitada: Lisboa..

Vasconcelos, Joaquim de (1883) *Exposição de Cerâmica: Documentos Coordenados*. Sociedade de Instrução: Porto.

Vasconcelos, Joaquim de (1891). *A Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha*. Tipografia Ocidental: Porto.

Vasconcelos, Joaquim de (1909). “Arte Decorativa Portuguesa”, *Notas sobre Portugal*, Vol. II. Lisboa: Imprensa nacional, 179-208.

Vasconcelos, Joaquim de (1983 [1886-87]). *Indústrias Portuguesas*. Instituto Português do Património Cultural – Departamento de Etnologia: Lisboa.

Zaidler Júnior, W. (2011). Arte pública e arte de rua. In *Actas do II Seminário Internacional sobre Arte Pública em Latinoamérica – Arte público y espacios políticos: interacciones y fracturas en las ciudades latino-americanas*, pp. 138-148. Acedido em https://www.academia.edu/20022082/II_Semin%C3%A1rio_Internacional_sobre_Arte_P%C3%BAblico_em_Latinoam%C3%A9rica_ARTE_P%C3%9ABLICO_Y_ESPACIOS_POL%C3%8DTICOS_interacciones_y_fracturas_en_las_ciudades_latinoamericanas-T_I

Artigos online citados

Azulejo português vai candidatar-se a Património da humanidade (14.05.2015). *Jorna Público*. <https://www.publico.pt/culturaipsilon/noticia/azulejo-portugues-vai-candidatar-se-a-patrimonio-da-humanidade-1695664>

Flores, F. (04.08.2012). O azulejo tradicional reinventado por artistas contemporâneos. *Público*. Acedido em <http://p3.publico.pt/cultura/design/4002/o-azulejo-tradicional-reinventado-por-artistas-contemporaneos>

Lagartinho, Rui (20.09.2016). Mural de azulejos no campo de Santa Clara deverá estar pronto no final de Outubro. *O Corvo*. <http://ocorvo.pt/2016/09/20/mural-de-azulejos-no-campo-de-santa-clara-vai-estar-pronto-no-final-de-outubro/>

Mangorrinha, Jorge (06.12.2011). A cultura, o turismo e o património azulejar. *Diário de Notícias*. <http://www.dn.pt/opiniao/opiniao-dn/convidados/interior/a-cultura-o-turismo-e-o-patrimonio-azulejar-2168619.html>